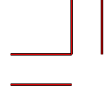


# J E R E M I A S



# COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



## JEREMIAS

VOLUME 1 · CAPÍTULOS 1 A 20

**John L. Mackay**



*Comentários do Antigo Testamento – Jeremias vol. 1*, de John Mackay © 2018, Editora Cultura Cristã. Título original em inglês *Jeremiah* © 2004, John L. Mackay. Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd. Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

<b>Conselho Editorial</b>	<b>Produção Editorial</b>
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Carlos Henrique Machado	Vagner Barbosa
Cláudio Marra ( <i>Presidente</i> )	<i>Revisão</i>
Filipe Fontes	Paulo Corrêa Arantes
Heber Carlos de Campos Jr	Sandra Couto
Marcos André Marques	Wilton Lima
Misael Batista do Nascimento	<i>Editoração</i>
Tarcízio José de Freitas Carvalho	Zenaide Rissato
	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

M153c Mackay, John L.  
Comentários do Antigo Testamento – Jeremias vol. 1 / John L. Mackay;  
traduzido por Vagner Barbosa. \_ São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

688 p.

ISBN 978-85-7622-590-4

Tradução *Jeremiah*

1. Comentários 2. Estudo bíblico 3. Exegese I. Título

CDU 2-277

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



**EDITORA CULTURA CRISTÃ**

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP: 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

[www.editoraculturacrista.com.br](http://www.editoraculturacrista.com.br)

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

## *SUMÁRIO*

### **VOLUME 1**

Prefácio .....	7
Abreviações .....	9
Mapas .....	11

### **INTRODUÇÃO**

1. Abordando Jeremias .....	15
2. A formação e a estrutura do livro de Jeremias .....	18
3. O mundo de Jeremias .....	41
4. A vida de Jeremias .....	62
5. Profetas e profecia .....	80
6. A teologia de Jeremias .....	88
7. Traduções e tradução .....	102

### **COMENTÁRIO**

I. Introdução e chamado (1.1-19) .....	107
II. O ministério inicial de Jeremias (2.1-6.30) .....	145
III. Advertências sobre a adoração (7.1-8.3) .....	335
IV. Desobediência e punição (8.4-10.25) .....	375
V. Rejeição da aliança (11.1-13.27) .....	441
VI. Julgamento inevitável (14.1-17.27) .....	509
VII. Jeremias e o oleiro (18.1-20.18) .....	593
Notas .....	643

## SUMÁRIO DO VOLUME 2

### COMENTÁRIO

- VIII. Reis e profetas denunciados (21.1–24.10)
- IX. Juízo sobre as nações (25.1-38)
- X. A controvérsia com os falsos profetas (26.1–29.32)
- XI. A restauração de Israel e de Judá (30.1–33.26)
- XII. A necessidade de fidelidade (34.1–36.32)
- XIII. O cerco e a queda de Jerusalém (37.1–39.18)
- XIV. Jeremias depois da queda de Jerusalém (40.1–45.5)
- XV. As palavras do Senhor contra as nações (46.1–51.64)
- XVI. Suplemento: profecia cumprida (52.1-34)

# PREFÁCIO

Acrescentar outro comentário sobre Jeremias aos muitos que apareceram em anos recentes requer alguma explicação. Embora eu tenha me beneficiado frequente e agradecidamente de muitas ideias encontradas na literatura recente sobre Jeremias, tenho ficado perplexo com a relativa deficiência de obras escritas de uma perspectiva conservadora. Parece-me haver dois componentes-chave desta abordagem. O primeiro é que deve ser feita justiça à reivindicação do profeta de que esta mensagem não é auto-originada, mas dada por Deus. Este é um tema que está envolvido em mistério, mas é uma resposta inadequada às afirmações do texto simplesmente passar por ele em silêncio, e, na melhor das hipóteses, tratar o profeta como um homem de discernimento e percepção consideráveis, que desafiou seus contemporâneos a aceitarem sua leitura dos eventos durante um período muito conturbado de sua história. O segundo aspecto de uma abordagem conservadora à profecia é, certamente, levar a sério sua outra reivindicação de que o registro que hoje possuímos se originou com o próprio profeta. Grande parte da análise contemporânea de Jeremias pressupõe que o profeta é responsável apenas indiretamente pelo presente texto, e que houve um grupo zeloso de editores não identificados, posteriores a Jeremias, que moldou, modificou e até mesmo compôs o material que agora nos é apresentado sob o nome de Jeremias. A prontidão com que a moderna erudição tem pressuposto a existência desta atividade redacional tem sido um prisma corruptor que tem distorcido os esforços para interpretar corretamente o livro como um todo. Não pode haver dúvida de que o texto de Jeremias é uma apresentação editada do que o profeta disse, mas escrevi este comentário sobre o fundamento de que essa edição foi feita pelo próprio profeta ou sob sua supervisão direta. Se me for permitido fazer uma analogia com o Novo Testamento, ao ler Jeremias estamos tão próximos do próprio profeta quanto estamos de Paulo ao ler sua epístola aos Romanos, independentemente do papel que Tércio tenha desempenhado ao escrever a epístola (Rm 16.21), ou, em certas porções da profecia, estamos tão próximos do profeta quanto de Paulo como retratado em

Atos por seu amigo e companheiro, Lucas. É a relutância generalizada da erudição moderna, em reconhecer o profeta como seu próprio editor, que tem causado muita confusão nos estudos bíblicos, e tem minado a confiança na origem divina da Escritura. Este comentário, portanto, é apresentado como uma tentativa de elucidar a mensagem de Jeremias com base em um compromisso com a inspiração e a exatidão do texto.

A profecia de Jeremias é um livro de tamanho considerável, consequentemente, é impossível incluir em uma extensão conveniente tudo o que pode ser razoavelmente dito sobre ele. A necessidade de ser seletivo é intensificada pela grande quantidade de literatura que foi produzida sobre Jeremias em décadas recentes. Escrevi este comentário com o objetivo de fazer uma exposição e uma proclamação. De fato, não há sermões prontos dentro deste volume, mas há, creio, muito material que serve de estímulo e orientação. Embora o comentário use a New International Version\* como sua tradução básica, de fato eu trabalhei com o Texto Massorético, e incluí (geralmente em notas de rodapé) observações que podem ajudar aqueles que estudam da mesma forma. Não tentei resumir o moderno debate dos especialistas sobre Jeremias. Isto é feito muito adequadamente em outros textos e, visto que os pressupostos empregados são diferentes dos meus, a relevância desses estudos é geralmente marginal à tarefa de que me incumbi.

Por fim, um prefácio deve incluir reconhecimento àqueles que ajudaram na preparação desta obra. Fazer justiça a este quesito quase requereria uma história da minha vida, por isso, para manter a questão dentro de limites razoáveis, mencionarei apenas dois: a congregação de Columba's Free Church, Edimburgo, que, durante uma vacância, alguns anos atrás, ouviu uma versão inicial de grande parte do material que agora está contido neste livro, e cujos comentários foram muito apreciados; e também, minha esposa, Mary, cujo apoio e encorajamento para este projeto foram inestimáveis quando meu vigor e entusiasmo estavam esmorecendo.

JOHN L. MACKAY  
FREE CHURCH COLLEGE  
EDIMBURGO

---

\* Na tradução em português, será usada a ARA, exceto onde for indicada outra versão (N. do T.).





## 1. ABORDANDO JEREMIAS

A revelação da salvação divina ao longo dos séculos da História humana não aconteceu como um calmo nascer do sol em um dia claro, gradual, mas permanentemente dissipando as trevas e espalhando seu calor. Embora o curso dos acontecimentos esteja indubitavelmente se movendo em direção à sua consumação, sempre há tempos de trevas que colocam em dúvida se os propósitos de Deus serão alcançados. Foi em um desses períodos de trevas que Jeremias serviu como profeta do Senhor, do fim do sétimo e início do sexto séculos a.C., quando a expansão do império neobabilônico, sob o governo de Nabucodonosor, levou à destruição de Jerusalém, em 586 a.C.

Séculos antes, o propósito de Deus para o seu povo tinha envolvido uma intervenção em seu favor para libertá-lo da opressão no Egito. Subsequentemente, o povo foi divinamente conduzido para a terra da promessa, e recebeu a oportunidade de servir a Deus e desfrutar das bênçãos da aliança. A terra em que Israel habitou era precursora de um retorno ao paraíso, e concebida como uma escola de treinamento para aqueles que desejam viver em obediência ao Senhor. Porém, na época de Jeremias, a história do povo não era mais a história de seu esforço para realizar este potencial; em vez disso, tinha se tornado uma história de fracasso. Em termos humanos, a nação tinha se tornado um beco sem saída. A presença de um povo espiritualmente insensível e rebelde não podia mais ser tolerada na terra de bênção e promessa, e a cidade de Jerusalém, que, por séculos, tinha sido o foco da presença divina na terra, seria abandonada por Deus e capturada por seus inimigos. O povo de Deus seria deportado da terra que lhe fora dada em aliança, como um símbolo da criação restaurada, porque era incoerente e injusto que aqueles que tinham se afastado tão flagrantemente de Deus ocupassem e desfrutassem da terra da sua bênção. Este foi um período de desordem e tragédia, que gerou questões urgentes e perplexas no coração do remanescente fiel entre o povo. “Rejeita o Senhor para sempre? Acaso, não torna a ser propício? Cessou perpetuamente a sua graça? Caducou a sua promessa para todas as gerações? Esqueceu-se Deus de ser benigno? Ou, na sua ira, terá ele reprimido as suas misericórdias?” (Sl 77.7-9; cf. Sl 79.5). Foi nesse período que Jeremias foi chamado para ser profeta.

# COMENTÁRIO

## I. INTRODUÇÃO E CHAMADO (1.1-19)

---

## ESBOÇO

- A. Sobrescrito (1.1-3)
  - B. O chamado de Jeremias (1.4-19)
    - 1. Um profeta para as nações (1.4-10)
    - 2. A primeira visão: uma vara de amendoeira (1.11-12)
    - 3. A segunda visão: uma panela ao fogo (1.13-16)
    - 4. Prepare-se! (1.17-19)
-

## JEREMIAS 1.3-19

As introduções são importantes porque as primeiras impressões geralmente duram mais tempo, mesmo quando elas estão de fato erradas. O livro de Jeremias começa com aquilo que, na verdade, são duas introduções: a primeira (v. 1-3) é a introdução literária do livro na forma como o temos hoje; a segunda (v. 4-19) é o registro do modo como Jeremias começou seu ministério profético. Uma pessoa não se tornava profeta do Senhor por causa da linhagem familiar ou mediante escolha popular. Era somente o Senhor que escolhia e nomeava seus mensageiros proféticos. Portanto, o chamado pelo qual Deus lhes tornava conhecido seu propósito para suas vidas era o momento constitutivo de todo o seu ministério. Eles não podiam mais viver como antes, pois tinham uma inevitável ordem de Deus a cumprir. Além disso, o fato de que um profeta fora divinamente chamado era de vital importância para o povo a quem ele ministrava. Ele não era mais um homem declarando uma mensagem que refletia sua própria percepção da situação corrente, mas alguém que veio com uma mensagem originada em Deus, a qual não podia ser ignorada sem que se corresse perigo. Ao apresentar ao povo o relato de seu chamado, Jeremias estava se credenciando como um porta-voz do Senhor, comprometendo-se publicamente a agir de acordo com esta comissão, e reivindicando o direito de exigir sua atenção ao que lhes dissesse.

### A. SOBRESCRITO (1.1-3)

Diferentemente de muitas obras do antigo Oriente Próximo, nas quais questões como o título da obra e o escriba que a registrou são tratadas em um colofão, um parágrafo final que contém tais anotações, todos os livros proféticos do Antigo Testamento têm material introdutório indicando o nome do profeta e mostrando que sua mensagem foi dada por Deus. Isto pode ser feito explicitamente pelo uso da fórmula “a ele veio a palavra do SENHOR” (como no v. 2), ou indiretamente por meio de frases como “em visão” (Am 1.1) ou “visão” (Is 1.1; Ob 1). Frequentemente também há uma indicação do período em que o profeta esteve ativo, por exemplo, “nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá” (Mq 1.1), e pode haver um resumo do tema da profecia, como “a respeito de Judá e Jerusalém” (Is 1.1). Jeremias tem uma introdução bastante completa. Ela nos diz quem Jeremias era (v. 1), de onde

veio sua mensagem (v. 2) e quanto tempo durou seu ministério em um período turbulento da história de Judá (v. 2-3). Dos elementos introdutórios encontrados em outros textos, somente o tema profético não é encontrado, embora ele seja fortemente sugerido nas palavras finais “até ao quinto mês de exílio de Jerusalém” (v. 3). Quando as gerações posteriores abordaram o livro de Jeremias, elas o fizeram sabendo que ele era o profeta cuja palavra se tornou realidade: o Senhor fez cumprir sua sentença de deportação da terra.

Porém isto inevitavelmente levanta a questão de como essas palavras vieram a ser colocadas no início da profecia. O conceito adotado neste comentário sobre o processo pelo qual o livro de Jeremias foi composto encontra-se apresentado na Introdução, §2.2. A forma como o versículo 2 começa sugere fortemente que o sobrescrito se originou em dois estágios. O título do versículo 1 pode ser tomado como o título ditado por Jeremias a Baruque, quando o Primeiro Rolo foi escrito, no quarto ano de Jeoaquim (36.2). Obviamente, o versículo 3 se originou depois da queda de Jerusalém, em 586 a.C., e pode ter sido adicionado por Jeremias quando ele reeditou suas obras proféticas no Egito, alguns anos mais tarde, não muito antes de sua morte. A estrutura gramatical do versículo 2 sugere que ele foi acrescentado na mesma época que o versículo 3. Jeremias quis colocar diante dos desorientados e desesperados sobreviventes da catástrofe que tinha tragado Jerusalém o registro de seu ministério, para que eles entendessem por que esses eventos tinham acontecido, e também para que pudessem encontrar esperança para seu futuro imediato e a longo prazo.

1. Há duas formas diferentes de se entender a frase **palavras de Jeremias**. “Palavra” (*dābār*) também pode significar “evento”, “ato” ou “crônica”, como frequentemente acontece nos Livros dos Reis e das Crônicas. Por exemplo, em 2Crônicas 33.18, “atos de Manassés” se refere a suas ações como rei; “as palavras dos videntes”, às declarações deles; e a “História dos Reis de Israel”, são os anais escritos de seus reinados. Visto que grande parte de Jeremias (especialmente os caps. 27–44) é tomada como um relato do que lhe aconteceu, tem sido sugerido que esta frase é equivalente a “história de Jeremias” (“legado de Jeremias”, Lundbom, 1999:222). Isto, porém, é improvável. Uma frase introdutória semelhante, “Palavras que, em visão, vieram a

Amós”, ocorre em Amós 1.1, e a ideia de uma história de Amós é improvável ali. Além disso, esta frase, “palavras de Jeremias”, é usada em 36.10 para descrever a mensagem de Jeremias como encontrada no Primeiro Rolo. Visto que a principal tarefa do profeta era retransmitir a Palavra de Deus, indubitavelmente a frase se refere, aqui, à mensagem que o profeta trouxe.

O nome “Jeremias” é usado para fazer referência a dez homens diferentes na Escritura. Dois deles estão listados entre os homens de Davi (1Cr 12.4, 13), e outros dois estão no próprio livro de Jeremias (35.3; 52.1). A arqueologia também atesta a frequência do nome, pois três lacres hebraicos, selos preservados em cerâmica endurecida, desta mesma época foram encontrados com este nome. Seu significado é incerto: provavelmente seja “que o Senhor seja exaltado” (com o componente verbal do nome do hifil de *rûm*, “elevar”); ou possivelmente “que o Senhor derrube [seus inimigos]” (<*√rāmâ*, “subjugar”);<sup>2</sup> ou até mesmo “que o Senhor alivie [o ventre]” (novamente da raiz *rāmâ*, mas agora significando “aliviar o ventre” com base em uma raiz cognata em aramaico). O fato é que este é um nome comum, o que torna improvável que tenha relevância para a natureza do ministério de Jeremias.

O profeta é identificado como **filho de Hilquias**, outro nome relativamente comum que significa “o Senhor [é] minha porção”. Embora haja comentaristas que consideraram que este nome é uma referência ao famoso Hilquias que foi sumo sacerdote no tempo da reforma de Josias (2Rs 22.4), isso parece improvável porque uma referência a ele provavelmente teria sido indicada explicitamente, e o sumo sacerdote presumivelmente vivia em Jerusalém nessa época. A informação adicional de que ele era **um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim**, parece claramente destinada a descartar a possibilidade de confusão com o sumo sacerdote. Mas a quem esta frase se refere: a Hilquias ou a Jeremias? Jeremias claramente veio de uma família sacerdotal, mas a expressão não requer que ele mesmo tenha sido consagrado como sacerdote. Na verdade, a alegação de Jeremias de que era “uma criança” (1.6) indica que ele ainda não tinha idade para exercer o ofício. O veredito de Rowley parece correto: “Certamente seria estranho Jeremias ser descrito dessa forma se ele realmente servia como sacerdote, mas a

frase é irretocável como a descrição de alguém que veio de uma família sacerdotal” (1963:139).

Anatote estava localizada perto da moderna Anata, 5 km a nordeste de Jerusalém (veja o Mapa 1). A cidade também é mencionada em 11.21, 23; 29.27; e 32 7-9. Este era um assentamento muito antigo, seu nome é derivado da deusa cananita Anate. Por ocasião da conquista da terra pelos israelitas, ela tornou-se uma cidade levítica em território benjamita (Js 21.18; 1Cr 6.60). Salomão enviou o sumo sacerdote Abiatar, o último representante da casa de Eli, para o exílio interno em sua cidade natal, Anatote (1Rs 2.26-27). Há a possibilidade de que os sacerdotes de Anatote tenham mantido vivas as memórias do santuário que existira anteriormente alguns quilômetros ao norte, em Siló – somente Jeremias, entre os profetas, o menciona (7.12, 14; 26.6, 9). Vivendo junto à fronteira norte de Judá, Jeremias teria crescido com uma consciência das condições no território do antigo Reino do Norte, Israel. Conquanto não houvesse uma estrada direta para lá, o santuário de Betel estava apenas a 13 km de distância.

Porém, as influências dominantes sobre a vida nos círculos sacerdotais de Anatote vinham de Jerusalém, pois a capital estava apenas a uma hora de caminhada de distância. Alguns supõem que havia um lugar alto em Anatote, onde a família de Jeremias servia como sacerdotes rurais. As reformas de Josias restringiram severamente as atividades desses sacerdotes rurais (2Rs 23.8-9) e pode ser que isso forneça o pano de fundo para as tensões que Jeremias teve de enfrentar em sua comunidade local (11.18–12.6). Contudo, parece improvável que Anatote estivesse associada a algum centro local de adoração. Ela ficava perto de Jerusalém, e os sacerdotes de Anatote teriam de ir regularmente à cidade para participar da adoração no Templo. Nos dias religiosamente desanimadores do reinado de Manassés, ou durante o de Amom, todos os sacerdotes de Judá ficaram comprometidos por sua concessão às práticas promovidas pelo culto estatal. Jeremias, portanto, teria crescido em um lar em que as crenças tradicionais do povo eram conhecidas, mas que provavelmente tinham sido afetadas pela confusão religiosa da época.

2. Embora as traduções geralmente suavizem a construção deste versículo, ele é introduzido, em hebraico, pelo pronome relativo *’ăšer*, “que”, seguido por um resumptivo, *’elâw*, “a ele”, referindo-se ao

antecedente “Jeremias”. É a distância entre “Jeremias” e o pronome relativo que sugere que a cláusula pode ter sido usada para acrescentar material ao título já existente.

O que vem a seguir é declarado ser não meramente a mensagem de um homem. Fica muito claro, desde o começo, que esta é a mensagem de Deus. **A ele veio a palavra do SENHOR** reflete uma expressão padrão para o recebimento da revelação divina por um profeta (Is 38.4; Ez 1.3; 3.16; Os 1.1; Jl 1.1; Sf 1.1; Ag 1.1). A frase indica a perfeição da experiência pela qual Jeremias foi informado da mensagem divina. Embora o verbo *hāyâ* seja tradicionalmente traduzido como “ser”, seu uso apenas parcialmente se sobrepõe ao deste verbo em português. Nesta expressão com a preposição *’el*, “para”, ela não descreve um estado contínuo de consciência da palavra divina, mas uma experiência que podia ser, e foi, repetida (1.4, 11, 13; 2.1; 14.1; 46.1; 47.1; 49.34). Isto faz com que estas palavras, que são palavras de homem, também sejam palavras de Deus. Consequentemente, o profeta não deve ser visto como um indivíduo astuto cujo discernimento sobre as condições espirituais e políticas de sua época o capacitou a se tornar um comentarista social perspicaz. Mesmo se supormos que o profeta tinha um profundo compromisso pessoal com o Senhor, e que estimulou o povo de sua época a manter sua lealdade ao Senhor, nossa avaliação ainda não faria justiça à reivindicação da Escritura. O profeta era aquele a quem a palavra do Senhor vinha, tornando-o diretamente consciente da avaliação divina da situação em curso, e dando-lhe informação sobre ela e as perspectivas futuras para a nação que iam além de qualquer coisa que ele pudesse dizer com base meramente no discernimento humano. Não conhecemos os detalhes de como isso era feito; não podemos explicar seu mecanismo (veja Introdução §5.2.). Mas aceitamos seu testemunho de que Deus lhe falou e o comissionou a levar sua mensagem a outros. Esta é a reivindicação fundamental. Isso foi controverso até mesmo durante a carreira de Jeremias, quando ele confrontou outros que alegavam ser profetas, mas apresentavam uma mensagem que era contrária ao que lhe fora revelado (23.9-40; 28–29). A reivindicação de que, na Escritura, temos o registro dessa revelação direta de Deus permanece controversa, mas isso é o que o próprio testemunho da Escritura



afirma, e é somente reconhecendo a verdade dessa reivindicação que podemos fazer justiça à mensagem que está diante de nós.

A introdução também nos fornece informação sobre a duração do ministério de Jeremias. A frase **Nos dias de Josias, filho de Amom e rei de Judá, no décimo-terceiro ano do seu reinado** pode ser identificada como uma referência a 627 a.C. Ela também é encontrada em 25.3, e marca o início do ministério de Jeremias. Pelo fato de tão poucas de suas declarações serem datadas explicitamente no reinado de Josias, há aqueles que argumentam que seu chamado deve ser datado mais tarde (veja Introdução § 4.1.). Mas não há evidência textual para apoiar uma data tardia aqui, e a suposição de que a referência não é ao início de seu ministério público, mas ao seu nascimento (“formasse no ventre materno”), é forçada, e também contradiz uma passagem como 3.6, que é claramente datada nos dias de Josias. Igualmente fantasiosa é a noção de que a referência foi calculada para trás, partindo de 586 a.C., a fim de gerar um ministério de quarenta anos, símbolo de perfeição e, talvez, refletindo o ministério público de Moisés em Israel.

**3.** Somente os três reis principais são mencionados neste resumo do período do ministério de Jeremias. Joacaz (609 a.C.) e Joaquim (598-597 a.C.), que reinaram por três meses cada um, são omitidos. **E também nos dias de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá** se refere ao período de 609 a 598 a.C., durante o qual Judá passou do controle egípcio para o babilônico, depois da vitória decisiva de Nabucodonosor em Carquemis, em 605 a.C. No final de seu reinado, Jeoaquim se rebelou contra a Babilônia. Depois de sua morte, seu filho Joaquim rapidamente se submeteu a Nabucodonosor, provavelmente para poupar a terra de mais sofrimento. Ele foi levado para a Babilônia e seu tio, Zedequias (Matanias), foi colocado no trono como um governante fantoche. Seu reinado (597-586 a.C.) também culminou em rebelião contra Nabucodonosor, e novamente Jerusalém foi sitiada. **Até ao fim do ano undécimo de Zedequias, filho de Josias, rei de Judá, e ainda até ao quinto mês** envolve uma reorganização do texto, em que “até o fim do ano undécimo” é separado de “quinto mês”, que é mencionado especificamente como a época da deportação (52.15), **do exílio de Jerusalém.** A cidade caiu em 18 de julho de 586 a.C., e um mês depois seus muros foram arrasados, e o Templo, o palácio e

muitos outros lugares foram totalmente queimados, e muitos dos habitantes da cidade foram deportados para a Babilônia.

Há, porém, a questão: O ministério de Jeremias não continuou depois disso? Nós o vemos nos capítulos 41–44 ministrando entre os que fugiram para o Egito e o levaram junto. Isto não significa que este período posterior esteja sendo menosprezado, mas que ele está sendo visto como um apêndice ao seu ministério. Durante quarenta anos de circunstâncias frequentemente difíceis Jeremias não abandonou seu posto, mas advertiu Judá sobre a iminente execução do julgamento do Senhor. Quando este aconteceu com a queda da cidade, foi um clímax devastador para o ministério de Jeremias e sua vindicação. O povo não aceitou suas advertências, e deu crédito àqueles que proclamavam que, de um modo ou de outro, Jerusalém escaparia do pior. Mas a contínua rebelião do povo contra o Senhor assegurou que não houvesse mitigação ou anulação da sentença contra ele. Seus sonhos de segurança foram despedaçados pela queda da cidade, quando ficou evidente que Jeremias, afinal, estava certo. As gerações subsequentes tiveram de aceitar essa realidade e viver com ela. Foi para elas que o profeta registrou as advertências que Deus havia dado ao longo dos anos, para que reconhecessem que sua nação tinha trazido o desastre sobre si mesma. Porém, ainda havia esperança, porque juntamente com as muitas advertências solenes foram dadas indicações de uma nova era e de uma nova aliança (31.23-40; 33.6-26). Se o ministério de Jeremias não foi capaz de tirar Judá de seu curso desastroso nos anos que conduziram ao desastre de 586 a.C., então ele ainda podia ser bênção para aqueles que lidavam com as consequências da insensatez nacional.

Contudo, a missão profética de Jeremias era, em primeiro lugar, dirigida a uma era religiosamente cega e decadente, para tentar deter seu declínio antes que ela mergulhasse totalmente no desastre. Este é o fato mais marcante sobre o livro: mesmo quando a mensagem de Deus foi rejeitada, ele continuou a falar; mesmo quando seu povo, obstinadamente, recusou-se responder os seus pedidos, ele continuou preocupado com ele e se dirigindo a ele. Havia a possibilidade de que alguns fossem arrebatados do fogo (Jd 23). Havia, também, a realidade do compromisso contínuo de Deus. Depois da imposição da maldição da aliança por causa da contínua deslealdade do povo, haveria, pela

graça de Deus, um relacionamento restaurado, no qual se esperava que o povo aprendesse as duras lições do passado.

## **B. O CHAMADO DE JEREMIAS (1.4-19)**

Quando Jeremias apresenta suas credenciais proféticas no início do rolo escrito em 605 a.C., fica claro que ele une quatro unidades literárias diferentes. O cabeçalho “a mim me veio a palavra do SENHOR”, que começa o relato de seu chamado nos versículos 4-10, é repetido nos versículos 11 e 13, os quais claramente marcam o início de dois relatos de visão, o da vara de amendoeira (v. 11-12) e o da panela ao fogo (v. 13-16). A mudança de assunto entre os versículos 16 e 17, do destino da nação para as orientações pessoais ao profeta, serve para delimitar a seção final do capítulo. Há concordância razoavelmente ampla quanto às divisões da passagem.

Jeremias não está preocupado primariamente em dar informação autobiográfica. Este registro é uma apresentação de suas credenciais proféticas, e tem o objetivo de validar sua reivindicação ao ofício de profeta. Sua experiência interior não estava, é claro, sujeita à verificação direta por outras pessoas, mas ele dá seu testemunho pessoal para fornecer um contexto adequado para que outros avaliem seu ministério. Estas são as orientações que lhe foram dadas pelo Senhor, e elas explicam por que ele perseverou em sua tarefa apesar de todas as dificuldades que enfrentou.

### **1. Um profeta para as nações (1.4-10)**

Estudos de crítica da forma têm analisado os vários elementos da narrativa de 1.4-10 e mostram a existência de paralelos com outros relatos de chamados divinos no Antigo Testamento, como os de Moisés (Êx 3.1-12), Gideão (Jz 6.11-23), Salomão (1Rs 3.7), Isaías (Is 6.1-13) e Ezequiel (Ez 1.1–3.15). As principais divisões da estrutura literária dos relatos de chamado são apresentadas assim: 1. confrontação divina; 2. palavra introdutória; 3. comissão; 4. objeção; 5. garantia; 6. sinal (Habel 1965:298), embora a relevância dos primeiros dois elementos para esta passagem seja questionada (Holladay 1986:1:27). Não pode haver dúvida de que existem muitos paralelos; a questão é

sua importância. Aqueles que veem o livro de Jeremias como um produto do processo de atividade redacional, tendem a alegar que os paralelos formais são uma técnica editorial para mostrar que Jeremias estava em uma linhagem contínua de profetas que tinham sido genuinamente chamados por Deus. Os paralelos, então, são um importante artifício literário, e a forma literária estilizada e estereotipada domina o registro de tal forma que “é basicamente impossível analisar as dimensões psicológicas dos chamados proféticos” (Holladay 1965:317). Contudo, aceitando que esta narrativa remonta a Jeremias, a existência de paralelos literários pode ser explicada de outra maneira. Muito significativamente, a similaridade literária surge da existência real de uma resposta semelhante à realidade irresistível do chamado divino. Que, por exemplo, os receptores desse chamado se sentem indignos dele e inadequados para cumpri-lo não é algo que pode ser analisado meramente como um fenômeno literário; isso reflete a natureza do encontro divino-humano que está envolvida. Além disso, é, sem dúvida, um aspecto da condescendência divina usar procedimentos e linguagem familiares provenientes de relatos de chamados anteriores para ajudar os indivíduos a lidar com sua própria experiência. Da mesma forma, quando Jeremias tentou registrar o que era realmente inexprimível, não é surpreendente que ele tenha recorrido a palavras e categorias com as quais ele e sua audiência já estavam familiarizados a partir da Escritura, e que transmitiriam a eles algum significado. A existência de paralelos literários aponta primeiramente para a existência de paralelos reais na experiência.

Por que, então, Deus dava aos profetas essa experiência iniciatória exclusiva? Seu ofício não era hereditário como o dos sacerdotes, e, assim, inevitavelmente havia um momento em que eles se tornavam conscientes, pela primeira vez, daquilo que o Senhor desejava fazer. Considerando que deviam agir como mensageiros do Senhor, testemunhando contra uma nação espiritualmente negligente, levando a ela uma mensagem que era frequentemente de condenação, e que eles tinham, inevitavelmente, de se posicionar contra o sentimento geral de sua época, sua experiência devia ser inesquecivelmente vívida para eles, de modo que não tivessem dúvidas pessoais de que sua tarefa não era uma tarefa que eles planejaram para si mesmos. Além disso, ao comunicar a experiência de seu chamado aos seus contemporâneos, os

profetas estavam apresentando suas credenciais como embaixadores divinos, para que fossem reconhecidos pelos outros, e a legitimidade da mensagem que traziam não fosse questionada.

Em sua discussão sobre o chamado de Jeremias, Skinner faz duas observações, uma das quais pode ser prontamente aceita como verdadeira. Aliás, ela é de considerável importância para entendermos o profeta. “Não podemos senão sentir que, embora esta possa ter sido a primeira visão que Jeremias teve de Yahweh, ela não foi o início de sua comunhão com ele. É a consumação de uma genuína experiência religiosa, arraigada principalmente na piedade do lar e na vida pregressa, de crescente autoconhecimento e conhecimento de Deus” (Skinner 1922:27). Por outro lado, quando ele passa a argumentar que a consciência do profeta de seu chamado “não é, é claro, uma verdade repentinamente injetada na mente, vinda de fora – tal processo não é concebível – mas uma convicção formada a partir de dentro, uma percepção intuitiva do ideal divino e do significado de sua existência, de seu verdadeiro lugar na ordem divina do mundo, da obra para a qual ele é ‘talhado’ no serviço de Deus e de seu reino” (Skinner 1922:27), isso deve ser totalmente rejeitado. O chamado profético era isso precisamente porque vinha inesperadamente e não dependia de ideias e expectativas preconcebidas. Ele compartilha elementos de autodescoberta e de autoentrega a Deus, que continuam a ser elementos da experiência de todos os servos de Deus, mas era singularmente diferenciado pela revelação pessoal de Deus e seu comissionamento direto, o qual, embora levasse em conta a experiência anterior do indivíduo chamado, constituía um elemento totalmente novo nela.

**4. A mim me veio, pois, a palavra do SENHOR, dizendo** corresponde essencialmente à frase no versículo 2, e reivindica que a mensagem e a atividade a serem descritas não se originaram em Jeremias, mas eram resultado de comunicação divina específica, “confrontação divina” (Habel 1965:307). Jeremias não estabeleceu a si mesmo como profeta, como se esta fosse uma opção de carreira que ele podia seguir ou não. Era uma questão de escolha divina que foi repentina e intrusivamente comunicada a ele. Somos limitados no que podemos dizer sobre o modo da comunicação divina, mas é claro que certas interpretações podem ser descartadas, como, por exemplo, que Jeremias se convenceu pessoalmente de que esta devia ser sua vocação na vida.

Nenhum argumento psicologizante pode fazer justiça ao que Jeremias está reivindicando aqui. Podemos rejeitar sua reivindicação – embora esta seja uma decisão equivocada – mas rejeitá-la é mais honesto do que interpretá-la em algum sentido diferente do que ele tinha em mente. Além disso, “a mim” indica que o próprio Jeremias é a fonte de seu relato. Isso foi tão significativo em sua vida que ele fez um registro escrito do evento antes de ser incorporado ao rolo que ditou a Baruque.

5. Na primeira parte do versículo, Deus revela ao profeta que seu chamado não era uma decisão divina repentina, mas algo que fora planejado há muito tempo. De fato, Deus já estava ativo em sua vida, ainda que ele não estivesse consciente disso. Este era o destino de Jeremias, e não havia como escapar dele. **Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci.** O discurso divino apresenta a realidade da origem divina do chamado de Jeremias em três declarações que têm significados substancialmente sobrepostos.<sup>3</sup> O discurso do Senhor realça três ações divinas, a primeira das quais se refere à ação que aconteceu antes do nascimento de Jeremias. “Formei” (<√*yāšar*, 18.2, 6) descreve a obra de um artesão, particularmente um oleiro. Ela foi usada para descrever a obra criadora do Senhor, em Gênesis 2.7. Não apenas temos aqui uma declaração de que o Senhor é o soberano controlador e originador de toda a vida, até mesmo da vida antes do nascimento, mas também que ele determinou o destino de cada um (Sl 139.13-16). Isto é verdade com relação a todos, mas especialmente com relação a Jeremias (44.2, 24; 49.5; cf. Gl 1.15). Tal conhecimento foi dado de antemão sobre Sansão (Jz 13.3) e também a João Batista (Lc 1.13-17), conquanto não haja nada que sugira que tenha sido assim com Jeremias. Embora outros profetas, como Moisés e Samuel, tenham sido divinamente designados desde o nascimento, seu chamado não remonta a tanto. Porém, em Isaías, o Servo é formado “desde o ventre” (Is 44.2, 24; 49.5) e chamado “desde o ventre” (Is 49.1). No caso de Jeremias, houve a mesma superintendência divina sobre sua vida, preparando-o para a tarefa que lhe seria designada, mas Jeremias (e outros) não tinha consciência do propósito especial de Deus em sua vida até seu chamado, em 627 a.C.

“Conheci” (<√*yāda'*), aqui, é usado em seu sentido hebraico pleno, o qual envolve não meramente a informação fatural sobre alguém,

mas aprovação, escolha e compromisso pessoal. Por isso a tradução “escolhi”, na margem da NIV (veja também REB e Am 3.2). Desde o início da vida de Jeremias, Deus o tinha reconhecido soberanamente como seu súdito e seu servo, que desempenharia um papel importante na realização do propósito divino. Tomar consciência de seu *status* aos olhos de Deus deu a Jeremias encorajamento e segurança básicos para se submeter ao que Deus requeria que ele fizesse.

**Antes que saíesses da madre/“antes que nascecesses”,<sup>4</sup> te consagrei** indica que Deus o escolheu para si. “Consagrei” (<√*qādaš*, 6.4; 17.22) também é usado para a separação dos sacerdotes e de tudo que está ligado à adoração de Israel, por isso “consagrei” (NASB, NRSV, ARA). Embora o termo indicasse que pessoas e utensílios eram para uso na adoração do santuário, a ênfase não estava na santidade pessoal como tal, mas em ser designado para realizar uma função específica no serviço divino. Era, portanto, sacrilégio e rebelião usar algo que era consagrado para outros fins. A combinação de “consagrado/santo e escolha divina” também é encontrada em Deuteronômio 7.6 com relação a Israel, e em 1Samuel 16.5, 8-13, com respeito à realeza. Observe também o uso de “santo” em Lucas 1.35. À frente de Jeremias estavam tempos de depressão, dúvida e desespero. Desde o início, Deus estava lhe ensinando como deveria considerar sua vida. Em vez de ser oprimido pelas pressões do momento, sua autopercepção devia ser que ele era alguém moldado e designado para o uso de seu Senhor.

A comissão de Jeremias, então, é expressa em palavras que se referem a um fato já realizado, ou, mais provavelmente, como soberanamente concedido. **Te constituí** dá detalhes mais específicos sobre como Deus o consagrou para seu próprio serviço. *nātan*, “dar”, seguido por dois acusativos tem o sentido de “estabelecer” ou “designar” (Gn 17.5; Êx 17.1). O perfeito, aqui, pode ser usado em um sentido performativo, “eu, por meio disto, te designei”, no qual uma ação realizada por alguém que tem autoridade apropriada coincide com a palavra que é falada e é realizada por ela (*IBHS*, §30.5.1c; cf. 1.10). Pode não ser impróprio ver um paralelo entre os três passos nesta declaração divina sobre Jeremias e o uso que Paulo faz de “conheceu”, “predestinou” e “chamou” em Romanos 8.29-30.

Porém, o chamado de Jeremias não foi apenas para ser um membro do povo de Deus. Era especificamente para ser um **pro-**

**feta.** O significado original de *nābî*, “profeta”, é ainda uma questão de debate acadêmico (*TWOT* 2:544-5; *TDOT* 9:129-135), mas o uso escriturístico do termo é decisivamente demonstrado por Êxodo 7.1: “Então, disse o SENHOR a Moisés: ‘Vê que te constituí como Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta (*nābî*)’,” especialmente à luz de 4.15-16. O profeta era o porta-voz de Deus, seu mensageiro, divinamente escolhido para a tarefa de comunicar ao povo do Senhor a mensagem que lhe fora comunicada por Deus (veja também Introdução §5.).

É aqui, no entanto, que há um aspecto surpreendente no chamado de Jeremias: ele é designado não apenas como profeta para Judá, mas **às nações**. “Nações” (*gōyīm*) refere-se comumente às nações pagãs, como distintas de Israel ou Judá, embora a palavra no singular seja ocasionalmente empregada para fazer referência ao povo escolhido também (*e.g.*, Gn 12.2; Êx 19.6). Mas o tema principal do ministério de Jeremias era o destino de seus compatriotas, em Judá. Porém, o versículo 10 lança mais luz sobre o sentido em que esta expressão deve ser interpretada. Ela se refere a mais do que o fato de que, nos dias de Jeremias, as questões de Judá estavam inextricavelmente ligadas às das nações vizinhas, de modo que dizer algo sobre o futuro de Judá também significava dizer algo sobre as nações ao seu redor. Judá não era apenas um destroço levado pela correnteza dos assuntos internacionais predominantes. Como as profecias contra as nações mostram (caps. 46–51), o que o Senhor estava permitindo que acontecesse no cenário mundial surgiu do, e era determinado pelo, que ele estava fazendo para o seu próprio povo. Seu controle sobre os eventos garantia que seu mensageiro tinha algo relevante a dizer sobre seus destinos também. O fato desta dimensão internacional de seu ministério não ser exclusivo de Jeremias é mostrado claramente em 28.8, em que Jeremias fala acerca dos profetas anteriores que “profetizaram guerra, mal e peste contra muitas terras e grandes reinos”.

A abordagem defendida por Skinner, de que o chamado de Jeremias foi o resultado de um processo de amadurecimento espiritual pessoal, tem de lidar com o problema de como tal concepção de sua missão pode ter surgido naturalmente a uma personalidade tão tímida quanto a de Jeremias. Recorrer a expedientes como corrigir o texto, ou sugerir que ele foi escrito a partir da perspectiva do final de sua



vida, meramente evita as reivindicações do texto de que esta foi uma missão divinamente atribuída a Jeremias.

6. Jeremias foi oprimido e ficou amedrontado pela tarefa que foi chamado a cumprir. Sugerir que esta é uma recusa convencional é subestimar a importância da situação. “Ah!” (*’ăhāh*) é um grito de espanto por estar na presença de Deus (Js 1.7; 6.22; cf. também Is 6.5), e também de consternação pelo dever que lhe é atribuído (Js 7.7; Jz 6.22; 11.35), porque Jeremias está consciente da tensão entre sua própria vontade e as implicações do pronunciamento divino. Um grito semelhante também aparece em 4.10; 14.13; 32.17.

Contudo, seria errado sugerir que Jeremias está se recusando a cumprir a ordem que recebeu. Ele usa o termo **SENHOR DEUS** (*’ădōnāy Yhwh*, “meu Senhor Senhor”), que reconhece os direitos de Deus como governante soberano sobre tudo, e também como Yahweh, o Deus da aliança de Israel. Ele não tenta fugir da tarefa, mas, sentindo sua incompetência, tenta conseguir um adiamento com base em sua pouca idade. **Eis que não sei falar, porque (*kî*) não passo de uma criança.** As razões registradas para a relutância mostrada por aqueles que são chamados por Deus variam (veja Jz 6.15; Is 6.5; Ez 2.1). Embora a razão de Jeremias pareça ser copiada da de Moisés, “Sou pesado de boca e pesado de língua” (Êx 4.10; veja também 3.11; 4.1), ela é, de fato, diferente. A falta de habilidade de Jeremias para falar não é uma questão de impedimento físico, como parece ter sido o caso com Moisés, mas antes uma genuína falta de habilidade para falar em público por causa de sua pouca idade. “Criança” (*na’ar*) não capta realmente o sentido da palavra hebraica neste contexto, porque ela soa demasiadamente jovem. Ainda que a palavra possa ser usada para fazer referência a uma criança que ainda não nasceu (Jz 13.5, 7, 8), bem como a um bebê de três meses de idade (“bebê”, Êx 2.6 NKJV), sua faixa de referência se estende até uma idade média. Salomão a usa para falar de si mesmo em seu discurso de protesto, quando tinha pelo menos 30 anos (1Rs 3.7). Ela é usada para Josué, em Êxodo 33.11, no sentido de “servidor”, quando ele tinha 45 anos! Conquanto os estudiosos mais antigos suponham que Jeremias tinha em torno de 30 anos quando isso aconteceu, é provável que ele tivesse apenas 12 anos (veja Introdução § 4.1.).

As reuniões públicas em Anatote não seriam diferentes de outras assembleias e concílios daquela época. Elas buscavam os idosos para falar (cf. Jó 12.12; 32.4-7), e Jeremias ainda não tinha tido a oportunidade de adquirir habilidades para falar e debater em público. E não era apenas uma questão de experiência. Ele não encontraria uma audiência facilmente receptiva, porque ninguém levaria a sério um jovem se ele tentasse falar. Portanto, as dificuldades de Jeremias não são inventadas: ele prevê dificuldades genuínas para cumprir a tarefa que lhe foi dada. Ele sentia que a situação estava além do que ele podia fazer, e ficou perturbado porque não sabia como cumpri-la. Sem dúvida, também havia um elemento genuíno de apreensão. O profeta, como porta-voz de Deus, devia ser alguém capaz de apresentar a causa de Deus à nação, e Jeremias conhecia bem a recepção dada aos profetas do Senhor anteriores a ele, como a dada a Amós, em Betel (Am 7.10-13) ou até mesmo ao grande Elias nas mãos de Jezabel (1Rs 19.2), e aparentemente a outros cujo sangue inocente, segundo a tradição judaica, tinha sido derramado em tempos mais recentes, nas atrocidades cometidas no reinado de Manassés (2Rs 21.16). A resposta de Jeremias também é evidência de que ele não procurou o papel que lhe foi atribuído; logo, acusá-lo de gostar de trazer palavras de aflição é entender mal a situação (17.16). Ele estava agindo sob constrangimento divino (1Co 9.16).

7. Então o Senhor falou para tranquilizar Jeremias. Nenhuma grande importância pode ser atribuída ao fato de que as palavras, **mas o SENHOR me disse**, também são encontradas em Deuteronômio 18.17, na passagem sobre o profeta Moisés, que é mencionada mais tarde. A expressão é comum e seu uso é banal (*contra* Lundbom 1999:233).

Deus não discute a exatidão das alegações de Jeremias sobre sua idade e experiência. Ele discute sua relevância: **Não digas: “Não passo de uma criança”**. Visto que o Senhor escolheu Jeremias antes de seu nascimento, ele lhe daria o que fosse necessário. Também não há falta de clareza sobre as instruções que ele está recebendo. A cláusula seguinte começa com a partícula hebraica *kî*, usualmente traduzida como “para” e geralmente introduzindo uma razão (para uma discussão mais completa desta partícula, veja Introdução §7.3.). Quando é encontrada, como aqui, depois de um negativo, pode ter o sentido de “mas antes”, e assim introduz o cenário alternativo que o

Senhor tem em vista. “Porque” **a todos<sup>5</sup> a quem eu te enviar irás;**<sup>6</sup> **e tudo quanto eu te mandar falarás.** Há um equilíbrio entre *‘al-kol-’ăšer*, “a todos que”, e *wə’ēt kol-’ăšer*, “e tudo o que”, que não é expressa na NIV, na NRSV nem na ARA, mas é encontrada na REB e na ARC: “porque aonde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás”. A ênfase não está na limitação da comissão de Jeremias, como se ele não pudesse ir àqueles a quem não tinha sido ordenado, embora isso, sem dúvida, seja verdadeiro. Em vez disso, a ênfase está na perfeição da obediência que é esperada – todas as pessoas e todas as coisas, sem exceção. Porque esta é sua comissão dada por Deus, ele não tem opção ou liberdade de ação no assunto: a escolha das pessoas que ouvirão a mensagem não é sua, nem a mensagem que será entregue a elas. Por isso, Jeremias não precisa se preocupar em ter de fazer o que deve fazer. Ele era um mensageiro comissionado a quem o Senhor tinha enviado. “Enviar” tem um papel importante na percepção do profeta de sua tarefa (23.21,32; 28.15; cf. 43.2), como tem o “ir”, em termos de cumprimento de sua comissão (Êx 3.10-11; Jz 6.14; Am 7.15; Is 6.8-9; Ez 2.3-4). Um profeta que não é enviado por aquele que alega representar é, necessariamente, uma fraude e um impostor (23.21).

Há mais um elemento nesta situação. O Senhor usa palavras já empregadas em Deuteronômio 18.18, “ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar”, em que descreve o profeta como Moisés a quem Deus promete levantar. Ao usar palavras da Escritura com as quais Jeremias estava familiarizado, Deus o chama para ver a obra de sua vida como seguindo as pegadas daqueles que vieram antes dele (cf. também Êx 7.2; observe os termos semelhantes na comissão apostólica de Mt 28.20). Isso não é evidência de uma redação deuteronômica posterior, na qual um editor reescreve a vida de Jeremias para ajustar a história do profeta ao que é encontrado em Deuteronômio. Em vez disso, o Senhor está usando parte do treinamento de Jeremias na revelação anterior para lhe dar uma moldura de referência, dentro da qual ele pode começar a entender sua própria experiência e seu encontro com Deus. Isso teria sido reforçado para Jeremias se o rolo encontrado cinco anos depois fosse, de fato, uma cópia de Deuteronômio (veja Introdução §3.6.). O que, então, lido em voz alta (2Rs 23.2) teria parecido um segundo chamado, encorajando-o em sua missão.

8. Jeremias não precisava ser inclinado à timidez, mas seu chamado com tão pouca idade e nas circunstâncias de sua época obviamente o levou a um temor que foi aumentado por um sentimento de fraqueza e insuficiência pessoais. O Senhor, em seguida, age contra isso (Ez 2.6; Lc 5.10; At 18.9), mas não reformulando suas ordens ou mudando a resposta que Jeremias encontraria. **Não temas diante deles.**<sup>7</sup> “Deles” refere-se àqueles a quem Jeremias é enviado no versículo anterior. Ele não deve deixar sua oposição assustá-lo ou minar sua coragem. Deus o ajuda nisso, dando-lhe uma dupla promessa.

A primeira razão apresentada a Jeremias para vencer seu medo é **porque (*kî*) eu sou contigo**. A promessa de presença protetora divina especial frequentemente era dada aos servos de Deus nestas palavras (cf. também v. 19 e 15.20). Nas versões em inglês, nesta frase, o “sou” é um suplemento do tradutor que, em muitos aspectos, é contrário ao uso inglês, que requereria “eu serei contigo”, em conformidade com o tempo do verbo seguinte. Mas a expressão hebraica não tem tempo verbal, e a promessa não tem limitação temporal. A garantia da presença e do apoio de Deus é encontrada também em outras narrativas de chamado também (Jz 6.16; Êx 3.12; Ez 3.2), e em combinação com libertação em Deuteronômio 20.1; 31.8; Isaías 41.10. Esta é, de fato, a segunda razão pela qual Jeremias podia banir seus medos: Deus promete: **eu sou contigo para te livrar**. “Livrar” é a raiz hifil de *nāṣal*, “arrebatar, tirar, remover do perigo”, que sugere não a anulação de situações de perigo, mas o livramento da pressão e da angústia. Esta é a palavra que é traduzida como “salvos” na descrição gráfica de Amós: “Como o pastor livra da boca do leão as duas pernas ou um pedacinho da orelha, assim serão salvos os filhos de Israel” (Am 3.12). Jeremias não estava recebendo a promessa de imunidade de dificuldades, mas havia uma medida de garantia para os dias difíceis que viriam. A promessa da presença e do livramento lembrava o que Deus tinha feito por seu povo no passado, na época do êxodo (Êx 3.8; 18.10), e o que foi relatado por Davi como sua própria experiência mais tarde (Sl 18.17, 19; 22.21; 143.9). Assim, independentemente do que o futuro lhe reservava, é assegurado a Jeremias que sua vida será preservada de seus inimigos, como de fato foi.

**Diz o SENHOR (*nə'um-Yhwh*)** ocorre 168 vezes no livro (Holladay 1986, 1:35), no meio ou no final de declarações divinas, e funciona

como uma espécie de assinatura para autenticar a mensagem que foi dada ao mencionar o nome de seu originador. Como esta mensagem vem do Senhor, a frase incorpora a reivindicação de que a mensagem é precisa e autoritativa. A mesma nota de autoridade é encontrada na frase introdutória “assim diz o SENHOR” (*kōh ’āmar Yhwh*), que aponta para longe do mensageiro, que é apenas o porta-voz daquele que o comissionou para transmitir a mensagem. Para mais discussão sobre a raiz *ne’um*, veja sobre 23.31.

9. A palavra divina revelada à consciência de Jeremias foi acompanhada por um sinal confirmatório que presumivelmente ocorreu em uma visão, isto é, Jeremias não apenas estava internamente consciente dos dados auditivos, mas também da informação visual. Porém, uma terceira parte do profeta, quando esta visão foi dada, não teria tido consciência de nenhum fenômeno; ela foi concedida somente à psique do profeta. Mas a natureza visionária do sinal não teria diminuído a vivacidade com a qual ela teria afetado Jeremias. **Depois, estendeu o SENHOR a mão, tocou-me na boca.** A “mão” é o membro de ação e poder. Ela também ocorre em várias passagens que falam da forma como o Senhor comunicou sua mensagem aos profetas (15.17; Is 8.11; 2Rs 3.15; e frequentemente em Ez 1.3; 3.13, 22; 8.1; 37.1). Observe especificamente seu papel no chamado de Ezequiel como uma experiência final (Ez 2.9). É a ação soberana que acompanha a concessão da bênção divina. Há uma sugestão de que Jeremias viu muito mais na visão, mas essa revelação não é acessível a nós.

“Tocou” traduz o hifil de *nāga*<sup>c</sup> (como em Is 6.7) e, talvez, seja usado no lugar do *qal* para comunicar a intenção da ação: “Ele fez tocar”. A raiz transmite a ideia de contato entre pessoas ou objetos, e, em certos contextos, é usada para expressar um golpe forte. Alguns, por esta razão, têm sugerido que “tocar” é uma tradução fraca demais, e que Jeremias recebeu um golpe que corresponde ao contato com a brasa, experimentado por Isaías (Lundbom 1999:235), mas isto parece desnecessariamente violento e traumático depois do encorajamento do versículo anterior.

O significado da ação é explicado pela palavra divina. **O SENHOR me disse: “Eis que ponho na tua boca as minhas palavras”.** Lundbom argumenta que o verbo, aqui, é um perfeito profético, o

reconhecimento de um evento futuro como se já tivesse acontecido (Lundbom 1999:235; veja Introdução § 7.2.). Visto que o Senhor havia determinado que o evento acontecerá, ele já é tratado como certo. Isto é feito para que o evento se encaixe em sua teoria de que o ministério de Jeremias só começou realmente em 622 a.C., quando ele comeu as palavras escritas no rolo do Templo (15.16). Mas isto parece ser forçado. As palavras servem de modo mais natural para explicar a ação que está sendo experimentada, embora em visão, e podem ser tomadas como um perfeito performativo (cf. v. 5, 10). O profeta, agora, tem uma mensagem a retransmitir, não uma mensagem de sua própria imaginação, mas uma mensagem dada por Deus (2Pe 1.21). Novamente, Jeremias é lembrado de Deuteronômio 18.18, em que as palavras “em cuja boca porei as minhas palavras” também são encontradas com o mesmo verbo, mas em uma construção futura.

**10.** Em **olha que hoje te constituo**, a combinação do verbo perfeito e “hoje” mostra que, novamente, temos, aqui, um caso de perfeito performativo, “eu, por meio disto, te constituo”. O verbo usado para “constituo” (*pāqad*) é diferente do usado em 1.5 (*nātan*). *Pāqad* é um verbo que requer uma grande variedade de traduções. Basicamente, refere-se à ação de um superior com relação a um inferior, e aqui (na forma hifil) transmite a ideia de que Jeremias foi divinamente designado para um ofício e investido com toda a autoridade associada a ele (“Eu te dou autoridade”, REB). No que se refere a Deus, Jeremias é um homem sob ordens, a quem foi delegada autoridade (Js 10.18; 2Cr 34.12; Is 62.6). Isto ajuda a explicar o poder da palavra profética. É errado pensar na palavra como possuindo poder inerente, como defendido por Lundbom: “Aqui é dito que a mensagem de Jeremias, seja de julgamento ou de salvação, seria não apenas uma declaração sobre condenação ou salvação, mas também um poder que realmente cria ruína ou prosperidade para as nações” (1962: 117-8). O poder da palavra profética não está na palavra em si, mas surge do fato de que é a palavra do vice-gerente que foi divinamente designado; e, de fato, é somente quando esta palavra reflete fielmente a determinação do conselho celestial é que ela é eficaz. O poder da palavra pertence ao seu originador divino.

Porém, a esfera da autoridade do profeta é mais ampla do que poderia ser esperado. Ela se estende **sobre as nações e sobre os**

**reinos.** O domínio do Senhor não conhece limites (10.6-7, 10, 12-16; 32.17) e, por isso, ele está em posição de delegar a outros responsabilidades internacionais. Jeremias tem uma mensagem a anunciar que causa impacto sobre o destino não apenas de Judá, mas também das nações vizinhas. O profeta fala em nome de Deus, e quando declara suas palavras o propósito divino é colocado em execução. A tarefa do profeta é apresentada em termos que vão além de um mensageiro meramente anunciando um decreto, a um governador que recebe autoridade eficaz dada por Deus para executar seus decretos em todos os territórios sob seu controle.

O aspecto internacional do ministério de Jeremias não era algo novo. Profetas anteriores tinham proclamado mensagens com relação à conduta das nações vizinhas. Por exemplo, conquanto a visão de Amós se refira particularmente a Israel (Am 1.1), ele anunciou o veredito do Senhor sobre as nações vizinhas de Israel (Am 1.3–2.5) antes de concentrar-se nas condições do próprio Israel. Além disso, quando Jeremias se dirige a Hananias, ele reconhece esse aspecto internacional dos ministérios proféticos anteriores. “Os profetas que houve antes de mim e antes de ti, desde a antiguidade, profetizaram guerra, mal e peste contra muitas terras e grandes reinos” (28.8).

O governo divino e a administração que Jeremias faz dele são descritos em seis termos, quatro dos quais são negativos (1-4), e dois, positivos (5-6); três deles são de um contexto agrícola (1, 3, 6) e três do contexto de construção (2, 4, 5), embora “destruir” seja usado em contextos variados. (1) **Para arrancares** e (2) **derribares**,<sup>8</sup> **para (3) destruíres** e (4) **arruinares e também para (5) edificares** e para (6) **plantares**. A NLT sugere que este ministério é distribuído por várias nações, “para arrancar algumas... edificar outras”, mas um arranjo sequencial parece mais plausível. Os termos negativos precedem os positivos por causa da ordem em que o ministério de Jeremias em relação a Judá seria realizado: o campo coberto de vegetação terá de ser limpo dos espinhos e das ervas daninhas antes que a semente seja plantada; as estruturas instáveis da terra teriam de ser demolidas para dar lugar à construção futura. O fato de que há quatro termos negativos e dois positivos pode refletir o equilíbrio do ministério de Jeremias – era necessário mais demolição que reconstrução. Há também, aqui, provavelmente, a tensão entre expressões de condenação e

expressões de louvor, que é necessária em qualquer ministério que reflita o equilíbrio da Palavra de Deus. As palavras são repetidas em várias formas em todo o livro, e evidentemente formaram um tema em torno do qual Jeremias compreendeu que seu ministério deveria ser centrado (12.14-17; 18.7-9; 24.6; 31.28,40; 42.10; 45.4).

O impacto desta seção não é limitado àqueles que são chamados para o ministério público da Palavra de Deus. Já chegou o dia de Pentecostes, quando todo o povo do Senhor é profeta, como Moisés desejou (Nm 11.29). Entretanto, não estamos no mesmo nível de Jeremias, com a mesma iminência da revelação divina. Contudo, o cânon completo da Escritura nos dá uma mensagem de maior importância, de origem divina e de relevância internacional.

## 2. A primeira visão: uma vara de amendoeira (1.11-12)

As duas próximas seções do capítulo (v. 11-12; v. 13-16) apresentam visões que aconteceram depois do chamado do profeta, e apresentam aspectos básicos da tarefa à qual foi chamado. Em nenhuma visão há qualquer elaboração dos detalhes do que foi visto, mas um aspecto-chave é enfatizado e explicado.

Uma visão é uma revelação dada por Deus e experimentada na forma de percepção visual, na qual não há fenômeno externo, publicamente acessível, mas em que Deus estimula diretamente as capacidades internas dos receptores da visão de modo que eles experimentem a mesma sensação interna que teriam experimentado se tivessem recebido o estímulo externo adequado. Uma visão é, portanto, particular ao receptor, não meramente o produto de sua imaginação ou de suas faculdades mentais. Não é uma alucinação, mas uma comunicação divina objetiva.

Uma visão também deve ser distinguida de um sonho, na qual o receptor não está dormindo, mas consciente, de posse de suas faculdades mentais, e capaz de interagir com o que é percebido.

Lindblom faz diferença entre *visões pictóricas*, nas quais a atenção é simplesmente dirigida aos objetos ou figuras que são vistos pelo receptor, e *visões dramáticas*, nas quais a ênfase está no que a pessoa que aparece na visão experimenta e faz (1962:124). Nos termos desta distinção, essas duas visões são pictóricas. Lindblom, porém,